

Rainha alegre da colheita ou Senhora da foice (usada antigamente pelas mulheres nas colheitas de cereais). Em uma dança folclórica húngara, contemporânea, encena-se a reverência à Maria (a herdeira cristã da Deusa) com uma roda de mulheres, com saias coloridas e tiaras bordadas, que pedem cantando à Mulher Abençoada (personificada por uma mãe humana no centro da roda) visitar e abençoar suas casas, famílias, lavouras e bens.

Infelizmente, as proibições religiosas do regime comunista na Hungria, continuando a perseguição secular da igreja católica, suprimiram muitas das tradições antigas remanescentes no meio rural. Após a cristianização forçada no século 12, a língua original de origem asiática (ramo ugro-fínico)- foi europeizada, perdendo-se assim antigos significados de palavras associadas aos ritos agrários. O atual povo húngaro originou-se da mescla de tribos citas, hunos, persas e magiares vindos das estepes da Ásia central. A religião pagã original era monoteísta, centrada em uma divindade incriada,

etérica, sem forma, sexo ou nome, cercada por seres divinos. Reverenciavam-se as forças da natureza, o céu e a Mãe Terra, as deusas mais cultuadas sendo a Grande Mãe - Nagy Asszony -e sua filha Boldog Asszony, ("Senhora da plenitude e alegria"), a Velha Mulher Lua e o casal solar.

Inspirados pela riqueza mítica das antigas deusas nós podemos criar um singelo ritual atual de gratidão, oferecendo à Mãe Divina o tradicional pão e vinho, junto com símbolos da nossa "colheita". Após fazer uma auto-avaliação das realizações dos meses anteriores, agradeceremos os "frutos" colhidos, refletiremos sobre as medidas necessárias para limpar nossos "plantios", deles retirando as ervas daninhas, os insetos invasores e animais predadores. Depois, iremos assumir o compromisso de cuidar e proteger os brotos tênues dos nossos sonhos e aspirações, nutrindo-os com a energia da perseverança, confiança e fé, nos sentindo guiados pelas Mães do plantio e da colheita e abençoados pelas Senhoras ancestrais da plenitude.



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

EDIÇÃO
EXTRA
Sabbat Lammas,
agosto de 2008



Palavras do Cacique do Fogo

Claudio Capparelli



LAMMAS

A IMPORTÂNCIA DA COLHEITA

Vivemos em um universo de aparentes paradoxos. Se por um lado tudo está em equilíbrio, por outro, sua característica oposta é a impermanência.

Uma avaliação precipitada deste confronto poderá nos fazer esquecer que ambas as situações seguem estritas e inflexíveis leis cósmicas, originadas e coordenadas por uma Fonte Criadora. Basta olhar para o céu, à noite, quando o firmamento, apesar de estar em constante movimento, possibilita sua interpretação e avaliação até mesmo pelas leis menores da matemática, tamanha sua precisão. E, ao mesmo tempo permitir que a imaginação nos leve para os confins do universo

racional tentando decifrar os mistérios da vida e da nossa missão espiritual, na nossa curta peregrinação nesta encarnação.

A natureza terrestre, não fugindo destas normas, permite a continuidade da vida através dos seus ciclos que podem ser resumidos como: "limpar/preparar a terra, semear/plantar, colher/comemorar, contemplar/renovar". Os celtas celebravam estas quatro fases por meio dos seus festivais de fogo, respectivamente Imbolc, Beltane, Lammas e Samhain, que refletem e honram o ritmo sagrado e o equilíbrio da vida em Gaia (despertar, crescer, amadurecer, repousar). Cada festival é uma celebração da relação triangular entre divindades, natureza e humanidade, invocando a cooperação e proteção, e agradecendo o sucesso da interação.

Entre nós, seres humanos, que igualmente somos submetidos a estas mesmas Leis, estes ciclos se distribuem ao longo de nossa vida, sendo que sua importância está vinculada às fases que vivemos: infância, juventude, maturidade e velhice. Facilmente reconhecemos a preponderância e o valor da fase adulta, que se torna responsável pela criação (das crianças), educação e orientação (dos jovens) e cuidados (dos idosos). O mérito

Agenda 2008

* 16/08 - Plenilúnio: Celebração da Deusa das Estrelas - *Somente para mulheres*

* 15/09-Plenilúnio: Celebração grega dos Mistérios de Eleusis - *Somente para mulheres*

* 22/09 - Comemoração do Equinócio: Ritual de Gratidão - *aberto para homens*

Expediente

Edição e diagramação:
Nane Silva

www.teiadethea.org

de se conseguir uma sociedade sadia e bem estruturada cabe à correta aplicação de normas morais e éticas por meio dos cidadãos adultos, seja no âmbito familiar, seja no social, sem ignorar a importância da transmissão de experiências das suas vidas e do seu legado espiritual.

Necessitamos do reconhecimento, por parte de nossos pares, de tudo o que realizamos, da apreciação dos frutos do nosso trabalho, do empenho para crescer e o valor da nossa contribuição para a sociedade. O estímulo que nos move e nos impele a perseguir nossas metas pré-estabelecidas é a fase da colheita. No trabalho

voluntário de que muitos participam, aprendemos que nossa responsabilidade deve estar centrada no trabalho sem nos preocupar com os resultados; mas como saber se estamos no caminho certo? Apenas abrindo os canais de percepção intuitiva, confiando na orientação e proteção divinas e conferindo a aceitação e aproveitamento das nossas atividades.

Aproveitemos a celebração de Lamas para realizarmos nosso próprio ritual de gratidão pelos dons da vida, saúde, oportunidades e por tudo o que temos conseguido através do esforço, persistência e dedicação no trabalho.



Mirella Faur:

AS SENHORAS DA PLENITUDE

Nas culturas pré-cristãs celebrava-se a colheita com cerimônias de reconhecimento e gratidão pelas dádivas da terra. Os arquétipos cultuados eram na sua maioria femininos, os nomes e atributos variavam, porém os seus atributos comuns eram: abundância, plenitude, felicidade, alegria, celebração. Os povos indo-europeus reverenciavam a Mãe dos grãos ou a Senhora da vegetação sob diversos nomes e manifestações. No folclore dos

povos eslavos, saxões, nórdicos e celtas permaneceram ocultados - em lendas, histórias e "superstições" - resquícios dos antigos cultos, principalmente a importância da última espiga remanescente nos campos, que estaria retendo o "espírito de fertilidade dos grãos". Ela era cortada ritualisticamente, modelada e vestida como uma mulher, enfeitada com flores e frutos e carregada como representação da Mãe dos grãos em alegres procissões nos vilarejos. Em alguns lugares era transformada em guirlanda e usada pela moça escolhida como "Rainha da colheita", depois guardada e enterrada no

próximo plantio. O cristianismo adotou algumas das antigas datas e práticas da época da colheita nas festas e procissões dedicadas à Maria, na Assunção e nas benzeduras de casas, pessoas, animais, ainda realizados nas áreas rurais de Hungria, Polônia, Romênia.

Na mitologia húngara a regente da fertilidade, nascimentos e abundância (vegetal, animal, humana) era Boldog Asszony ("A Rainha plena e alegre"); os seus atributos foram adotados pela igreja católica e transferidos para o culto de Maria, sendo nomeada Padroeira do país e festejada no dia 17/10 como a "Grande Rainha da Hungria". Deusa protetora da terra, das famílias e curas, Boldog Asszony era filha de Nagy Boldogaszony ("A Grande Rainha"), Mãe Divina ancestral que tinha sete aspectos, cada um regendo um dia da semana e cujas datas ritualísticas foram preservadas nas comemorações do calendário cristão (25/03, 15/08, 17/10 e 26/12).

Pesquisas atuais encontraram semelhanças do Seu arquétipo e culto com os de Astarte, Inanna, Ishtar e principalmente Bau, a Grande Mãe da Mesopotâmia. Supõe-se que os ritos agrários neolíticos e os mitos das deusas da

fertilidade migraram da Suméria e Anatólia para a Europa central, os seus atributos tendo equivalências em várias línguas: dravidiana (da Índia), suméria, persa, turca, balcânica e húngara. Os termos comuns aos atributos divinos são: plena, abundante, alegre, feliz, doadora, parteira, grávida, matrona, senhora, rainha, deusa. O culto de Bau data de 2500 a.C. e é semelhante ao da deusa sumeriana Gula, ambas sendo regentes da fertilidade, abundância e cura, mães divinas doadoras da vida, parteiras, rainhas da colheita e protetoras das almas na sua passagem entre os mundos. Acreditava-se que os espíritos das crianças ficavam escondidos nas pregas



das Suas saias à espera da reencarnação. Seu símbolo era uma taça medidora chamada Bar, cujo hieróglifo X era equivalente à runa nórdica da doação e troca. Nos nascimentos das crianças as parteiras ou avós faziam oferendas de pão e vinho, pois nos mitos existiam advertências para aquelas mulheres que não reverenciavam ou agradeciam à Grande Mãe, privando assim seus filhos das bênçãos divinas.

Assim como as deusas sumérias, Boldog Asszony era celebrada como A Mulher Abençoada, A Mãe plena,